

As ultimas cinzas dos Liebman

Nesta manhã de inverno, tristonha e húmida (tão fria que até os pardaes que me acordam todas as manhãs, com as suas chilreadas infantis, quedaram, hoje, silenciosos e quietos) deu-me uma subita, mysteriosa vontade de visitar o meu velho amigo Jorge Liebman.

Metti-me num carro de praça, que rodou, lentamente, por entre arvores tristes, e casas fechadas, até à residência do meu amigo — uma pequena casa da rua do Aqueducto, em Santa Teresa, bairro deliciosamente tranquillo, que parece ter sido feito para sabios e para monges. E, enquanto a criada ia levar o meu cartão, eu me deixei ficar, naquella pequenina sala de espera, tão honesta e limpa como a consciencia de um homem de bem, a revolver, na memoria, umas velhas coisas que lá estavam guardadas e que diziam respeito ás minhas relações com o Jorge. Conhecer-o na Bahia, onde elle estudava medicina e ganhara fama de exquisito por nunca ir ás festas de Junho na casa do Melkisedec Herrimor — um homem que dava, naquella alegre mez de São João, trinta balles na sua casa — um por dia... Jorge Liebman, descendente de austriacos

por parte do pai, tinha, naquella epoca, uma bella cabeça de ephebo ombr alvejava uma cabelleira loura e sedosa. Os seus grandes olhos azues de um azul forte e limpo, com scintillações de aço bruido attentavam, com ingenuo espanto, nas troças e esturdias ruidosas dos estudantes. Quando "calouro" soffreu, impassivel, como um martyr, as provas rudes dos "trotos". Passou pela cidade, com os outros neophytos, de *páletot* pelo avesso e empunhando, em triumpho, uma enorme folha de bananeira. Depois, já "veterano" e com o sagrado direito de dar "trotos", dispensou, magnanimo, esse supremo attributo do estudante, e foi assim, com exquilticas sensacionaes, que fez todo o curso medico, lastreando o diploma com uma serie ininterrupta de distincções. Os lentes tinham-no em grande conta, o proprio Afonso de Carvalho, mentre que sempre tova avaro de elogios, prognosticou-lhe "*um bello futuro em medicina*". Conquistado o diploma, a turnia daquella anno, como as outras, fraccionou-se para nunca mais se reunir. Uns voltaram á terra natal, outros tomaram o rumo do sul, attrahidos pelo sonho de uma fortuna rapida, outros deixaram-se ficar na velha cidade universitaria, fazejando um concurso para lente da Faculdade. Durante longos annos não tive noticia de Jorge Lieberman até que, um dia, lendo uma correspondencia da Allemanha, deparei o nome do antigo condiscipulo entre os estudantes illustres de passagem naquella paiz. O medico brasileiro (que devia contar nessa epoca, perto de 40 annos) fizera na Universidade de Turingen, uma conferencia

sobre "Darwin e a evolução das espécies", considerada, naquella grande centro scientifico, como uma lição de mestre no debatido capitulo do evolucionismo. Um dia, soube que Liebman estava no Rio, e fui encontrá-lo num hotel do Flamengo, precocemente velho, calvo e triste, mas com o olhar mais azul e mais claro do que nunca.

Revivia, ainda, o grande abraço que lhe dera naquella noite, no Flamengo, (abraço em que iam todas as recordações amáveis daquella longínqua mocidade dos tempos academicos) quando uma porta se abriu, e uns longos braços carinhosos me envolveram, todo, num alvoroço carinhoso.

— Até que emfim tiveste pena da minha solidão — disse Jorge, afastando-se um pouco, e olhando-me de alto a baixo como se duvidara que fosse eu mesmo — e subiste a esta Thebalda ebola de morcegos e de silêncios... E num dia de chuva impertinente? Ah, senhor: é uma grande prova de audacidade...

Olhámos, ambos, que o coração falasse, nas expansões singelas do affecto. Depois de um calice de licor que nos aqueceu e nos fez bem — como uma benção, entrámos a recordar as boas coisas do outro tempo, entre suspiros ou entre risadas. Jorge estava velho, terrivelmente velho, com a sua cabeça escalvada, o limpo de fios como uma rocha baldia, dia e noite, pelo mar. Estranhei-lhe a calvície medonha. Não era nada, informou o amigo, passando a mão directa pelo cranio lizo — tinha sido uma experiência que fizera, uma formula de pilocarpina para revigorar o cranio cabelludo. "No cranio, perversamente, delirava de ser

caprichado, de uma vez para todas..." E ri-
u-se com a indiferença do homem de ciência,
que sacrificou um ornamento natural na ansia
de descobrir alguma coisa nova, um pllogenito
definitivo... De resto, vivia ali com os seus
livros, o seu microscópio e os seus provetes,
vestindo as roupas que lhe davam uma ve-
lha casa no Pará, que o pai lhe deixara.
Perdera a mãe dois annos depois de formado,
e a sua família talóra uma irmã casada com
um allemão - (ue morava em (S. (S.)) em um
gato preto, um formoso gato preto que via-
jara com elle na Europa, sempre muito dis-
creto e muito bem posto diante de visitas...
Tinha uma velha criada que tomava conta da
casa, e lhe preservava os hábitos na roupa, quan-
do elles se lembravam de cair. Era uma excellen-
te preta, que lá servira a sua família, e cujo
pai fôra escravo mesmo depois de 88 (porque
jamais quizera abandonar a família a quem
pertencia). O gato e a preta eram toda a sua
família "sensível", porque (e elle mo contou
com um brilho de lagrimas nos olhos), uma
noite em que, depois de um accessão de nervos,
despediu a criada, não pôde dormir, e cho-
rara como uma criança até que ella, também
trazida pela saudade, veio bater à porta de
mãos postas, como uma penitente. Tudo fôra
por causa de um mísero liquido escuro que ella
despejara na pia, sem saber o que era uma cul-
tura de microbios conseguida depois de varios
dias de trabalho, com observações lentas ao
microscópio, e horas sucessivas diante da
estufa, com o olhar vigilante no thermometro
do aparelho. Mas depois resolveram nunca
mais separar-se a ella, que enluvara aos 22
annos, jurara "pela alma" do finado como não
mais separar-se a ella, que enluvara aos 24
annos, jurara "pela alma" do finado como não
deixaria nunca o filho moço.

Enquanto historiava a sua ingenua e simples vida doméstica, Jorge Lieberman nos conduziu ao pavimento superior, onde ficava o seu laboratório e gabinete de estudos. Era a melhor sala da casa — uma sala ampla, que dava para a encosta da montanha, de onde se avistava grande parte da cidade; a Avenida do Mangue, com o seu renque duplo de palmeiras, o viaducto da estrada de ferro, São Christovão, o gazometro, o chaminés esguias de fabrica, que eram pontos negros perdidos na bruma da distancia. A'quella hora, e com o dia chuvoso, o panorama estava dissolvido na nevoa envolvente, e era tudo, ao longe, confuso e disperso como fragmentos de idéas numa memoria cansada...

O gabinete de Jorge Lieberman era um arsenal deapparelhos, de vasos de vidro, de balles, de laminas, de pinças, que se misturavam com livros entre-abertos, marcados com fitas de cores onde se liam indicações manuscritas. Devia haver uma fortuna naquelles microscopio, e matrizes de vidro, cubas de aluminio e de porcelana, pipetas e materias outras para pesquisas chemicas e biologicas. Até um polarimetro lá estava, novo e brulido com o seu metal espelhante e limpo. A estufa, que elle abriu para me mostrar os tubos de ensaio, com as culturas microbianas, era de fabricação allemã, e do modelo mais recente. Nada faltava áquelle gabinete particular, onde escorria, lentamente, a vida de um homem esquecido da sociedade, das festas, das alegrias da vida de familia, e até do amor, desse grande e poderoso Amor a quem tantas vidas se ti-

nam sacrificado em todas as paginas sangrentas da Historia... Parecia incrível que assim se isolasse e desordene uma vida, toda entregue á Sciencia, amante, clumosa como todas as amantes, e de um exclusivismo intransigente e feroz. Lembrei-me do ultimo Carnaval em que eu me diverti tanto, com outros amigos, em bailes sumptuosos, e entre moças lindamente fantasiadas, e de tantas festas que vi nos ultimos annos, enquanto aquelle homem, aquelle sabio, que ainda não se podia considerar velho, se encobria fortemente, barbaramente, no segundo andar de uma pobre casa em Santa Teresa, entre livros silenciosos, e ferozes culturas de bacillos e de vibrices. Senti, no mais profundo do ser, uma revolta que crescia, e se avolumava como uma enchente, contra aquelle suicidio lento, aquelle cruel desperdicar de uma existencia que ainda podia florir de alegrias e de affectos. E foi num tom de quasi censura, meio aspero e meio carinhoso, que interpelei, de subito, o amigo sabio:

Mas afinal Jorge, para que servem tantosapparelhos e tantos livros se aqui acabas tristemente a vida, sem conforto e sem alegria longe dos teus amigos e da tua irmã, o unico ente da familia que te resta? Valerá a pena sacrificar tantos annos de mocidade, e fortuna, e alegrias ingenuas do coração para no fim de tudo, ser ouvido, com respeito, por meia dúzia de sabios neurasthenicos, numa velha universidade da Allemanha? Não teria sido, em verdade, infinitamente melhor que tivesses cuidado de fazer clinica, como os outros collegas, e te casasses aos 25 annos, com uma mo-

ça boa e honesta que te desse as incomparáveis alegrias do lar e dos filhos? Ainda que tivesses feito grandes descobertas e criasses um novo melo de cultura para o bacillo da peste, valeria isso o sacrificio da tua ventura pessoal, da tua felicidade intima, do teu conforto, physico e moral, enfim? Francamente, meu querido Jorge, eu não sei onde está a tua vida!...

Jorge sorriu, de um modo estranho e triste, que me fez mal, e, avançando, sem dizer palavra, para um dos armarios de vidro que ornava as paredes (cheios de frascos e de substancias chimicas), abri-o com um gesto brusco, epanhou uma grande caixa de madeira em que eu ainda não tinha reparado, e trouxe-a na mão, como se fosse a resposta victoriosa ás minhas censuras amigas. Collocou-a em cima da mesa, e dando a volta a uma pequenina chave de ouro que a fechava, levantou a tampa, que se desprendeu sem ruído, nas molas suaves que faziam girar.

Eis aqui a minha familia, a minha vida.

Relanceei um olhar á caixa, onde vi, sobre coxins de velludo, pequenos discos de tartaruga que pareciam brinquedos de criança, e depois fito-o, surpreso, a pedir, mudamente, que me explicasse aquelle mysterio.

Aqui está toda a minha familia, e ella tem, aqui, o melhor destino que pode ter a familia de um homem de sciencia. Esta caixinha que aqui vês (abrio-me uma das tacaixas de tartaruga e mostrou-me um grupo de pó acinzentado, finissimo, que elle tomou entre os dedos e fez esfarinhar, lentamente) contém o resto das cinzas do meu tio, o que morreu

na Allemanha e era commerciante. Quando lá estive pedi licença ás autoridades locais, e incinerarei-lhe o cadaver que deu a media normal de phosphatos, chloruretos e saes de calcio e ferro que os livros consignam. Esta outra caixa é a do meu irmão Ludolf, que morreu, como sabes, no Pará, com dote annos de idade.

Fui a Belem, e incinerarei-lhe o corpo, que estava reduzido aos ossos, e a alguns restos de cabellos (não imaginas como eram lindos os cabellos do meu irmão!) E, assim, conseguí reduzir, literalmente, a cinzas toda a minha familia, e com os saes que della isolei, durante varios annos de estudos conseguí estabelecer as linhas exactas de uma grande theoria chimica que chamei a da "*proporcionalidade dos phosphatos na evolução e hereditariedade da intelligencia nas familias humanas*". Vim a seguir, por esse methodo, todo o desenvolvimento intellectual dos Liebmans desde o nosso bisavô, que foi burgomestre em Eldem, até o meu pequeno irmão que morreu no Pará. Imagina, agora, a importancia que terá esse methodo applicado á familia dos Pasteur, dos Pascal, dos Claude Bernard, dos Renan, dos Victor Hugo, dos Goethe, dos Shakespeare, dos Listz, dos Beethoven, de todos os genios, da sciencia ou da arte, que maravilharam o mundo com as suas descobertas ou, com os seus versos, os seus quadros, ou as suas operas! O nascimento dos genios, que era incerto e inesperado como os cataclysmos, poderá, de agora por diante ser annuciado, de antemão, como se annunciam o tempo mau e o tempo bom,

com os calculos dos observatorios meteorologicos. Amanhã, um jornal poderá dizer em letras garrafas: "*Vao nascer este*" anno, *na familia dos Paulos e Souza um grande genio da musica*". E quando a familia dos Paulos e Souza acordar mais um recém-nascido haverá, em volta d'elle a emoção nacional, attenta e carinhosa! Tambem (e é este o lado triste da minha descoberta!), a dosagem do phosphoro na cinza dos calaveres humanos mostrará, quando a curva arithmetica descer muito, a decadência das familias. Olha: foi por isso que não me casei... 'O estudo comparado das cinzas de meus ascendentes revelou-me que a raça dos Liebman está em humilhante decadência mental. Estamos pobres de phosphoro, não caro, pauperrimos de phosphoro! Repugnava-me, como homem de sciencia, continuar uma estirpe que a mais e mais empobrece de intelligencia. O meu pobre irmão Ludolf, se não morre cedo, seria, fatalmente, um cretino, um pobre imbecil. Por isso suffoquei, em mim, qualquer veleidade amorosa... pelo bem da Raça, pelos interesses superiores da Especie! Um homem não tem direito de pro'ongar uma familia que degenera, que involue... E aqui estão as cinzas da minha ex-noiva. Lembra-te? Era aquella Lizabeth, de grandes olhos negros, que morava defronte da nossa "republica" na Bahia, na rua do Carmo... Era linda, e eu não pude esquece-la durante varios annos, mesmo na Allemanha, quando la estive, logo depois de formado. Afinal, cansou-se de me esperar, quando voltei à Bahia, soube que tinha morrido de typho. Pobre Lizabeth! Uma noite, roubei-lhe o cadaver, e incinerel-

o, sentindo o inferno no coração. Vê o que resta do meu primeiro amor!

Jorge, que eu porre surpreso e indignado, deixara fazer abrio uma das caixas que tinha na tampa uma arubescos finamente desenhados. Era um pouco de 14, como os outros, mas cheirava deliciosamente a verbena.

— A tua noiva cheirava bem — disse eu, esforçando-me por gracciar, por entre as idéas funebres que me fechavam o cerebro num circulo de ferro.

— Foi eu que lhe aspergi as cinzas com verbena. Era o perfume de, que ella gostava...

Reparei em duas caixas, diferentes das outras, e que tinham incrustações de ouro com iniciaes em monogramma. Seria outras noivas sacrificadas áquelle methodo estúpido? Ia tocar-lhe quando senti que a mão direita de Jorge se apoiou fortemente, no meu braço.

— Que é isso, Jorge? cinzas mysteriosas nesta caixa? Ou...

Não me deixou concluir, e arrastando-me para junto das janelas, disse-me, subitamente tomado de commoção:

— São cinzas de meus pais. Nunca lhes mexi, acredita!

Ia perguntar-lhe se não doára, tambem ao velho Lieberman, os phosphatos e os saes de calcio quando notal que elle se tornara horriavelmente palido, e que levara a mão ao peito com as estívesas sentindo uma agonia súbita. Rapidamente, amparei-o nos meus braços, e levei para uma chaise-lon-

lára de todo, e pela sua fronte escorria um suor frio e viscoso. Enquanto lho desesperava a roupa e preparava para dar-lhe uma injeção de urgencia, tocou a campainha para chamar a criada. Ella acudiu em alguns segundos. Quando viu o amo naquello estado, começou a chorar, num desespero:

— "Tá" com o ataque, de novo! Coltado de sinhô moço! Não deixe elle morrer, branco!

Perguntel se costumava ter aquelles accessos.

— Muitas vezes, sempre que abre aquella caixa! Aquillo ha de sé feitiço, credo! Espera ahí!

E antes que eu tivesse tempo de intervir, de um salto apanhou a caixa de cinzas cada-vericas e lançou pela janela fóra, num gesto largo e ousado de quem salva uma casa em chammas. A caixa de ebano rolou no abyssmo, por algum momento pairaram, no ar, espantadas e tenuas, as cinzas dispersas dos Liebman.

Berilo Neves.